



A Informação Fotográfica nas Capas dos Jornais de Frutal: a Construção da Violência em Forma de Imagens do Cotidiano¹

Marianna Okrongli PUTIC²

Rodrigo Daniel Levoti PORTARI³

Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, MG

RESUMO

O presente artigo propõe um estudo sobre a imagem da morte nas primeiras páginas do jornalismo impresso da cidade de Frutal, no interior de Minas Gerais. Parte-se da perspectiva de que a morte é um “valor-notícia fundamental”, como observa Nelson Traquina (2004) e, sendo assim, tem lugar privilegiado nas publicações locais. Dessa forma, faz-se um estudo comparado entre as edições de janeiro à junho de 2014 dos jornais de Frutal e Pontal, considerados os de maior circulação no município. Optou-se por um recorte específico nos casos de morte em decorrência da violência, quando há intenção de uma pessoa em matar a outra. Entendemos que as mortes intencionais carregam por si só um peso maior na percepção da sociedade por romper ou provocar uma “quebra” da normalidade do cotidiano de forma mais intensa.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Violência; Mídia; Imagens; Impresso.

1. Conceitos sobre violência

Para tratar de um tema de certa forma “polêmico” e que caminha juntamente com o jornalismo, é preciso, antes de tudo, tratarmos de algumas definições sobre o conceito de violência, ou seja, o que podemos entender enquanto violência e qual será o recorte de nossas análises, uma vez que nem sempre o que é considerado “violento” para um povo ou comunidade é visto da mesma forma por outros. Além disso, também convivemos com diversas concepções de violência, como a simbólica ou a violência da burocracia governamental.

No entanto, para o presente trabalho, optou-se pelo recorte no conceito de violência física, aquela em que uma pessoa fere a outra intencionalmente, seja com a intenção de matar ou apenas de machucar.

¹ Trabalho apresentado no IJ1 – Jornalismo da Jornada de Iniciação Científica em Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UEMG, email: mariannok6@yahoo.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UEMG, E-Mail: rdportari@gmail.com



Segundo SODRÉ (2006), existem diferentes definições sobre o que se pode entender por violência. A violência “anômica” deriva da palavra grega anomia, que na sociologia representa um estado de desorganização social em que as leis são divergentes ou conflitantes, logo desacreditadas. Esse tipo de violência é, portanto, de acordo com sua etimologia, desregrada e cruel. É cada vez mais pautada na mídia e mais recorrente nas ruas, o que resulta em um aumento dos índices de criminalidade oficiais, constantemente abordados pelos meios de comunicação, o que leva à sensação de uma exploração exacerbada do fenômeno pelos meios, como observa o autor: “O aumento exponencial da violência em todas as suas formas, na maior parte dos grandes centros urbanos da América Latina e do resto do mundo [...] coloca continuamente a mídia – no centro das interrogações sobre o fenômeno da violência.” (SODRÉ, 2006).

Para ilustrarmos esta modalidade de violência, podemos nos valer do exemplo obra Sociedade, Mídia e Violência (SODRÉ, 2006) o caso do estudante de medicina Mateus da Costa Meira, que em 1999 na cidade de São Paulo, disparou uma metralhadora sem nenhum motivo aparente contra uma plateia em uma sala de cinema do Shopping Morumbi. O filme que estava passando na sala em que ocorreu o massacre era Clube da Luta, um dos filmes que prega a violência como uma forma de manifestação de liberdade, um meio de anestesiarse do sistema vigente e encontrar a felicidade. O filme aborda e ilustra a filosofia do Übermensch, do alemão: além do homem, de Friedrich Nietzsche, descrita em sua obra “Assim Falou Zaratustra”. Trata-se de uma doutrina de superação, para o homem se transformar além do humano, através da transvaloração de todos os valores do indivíduo e da sede de poder. Para tal, o homem deve matar deus e todos os seus valores morais, o desejo de destruição do homem o transformaria no “superhomem”. A filosofia nietzschiana foi adotada no regime nazista durante o século XX para o sustento da crença da superioridade ariana e para justificar os atos violentos e o genocídio praticados na segunda Guerra Mundial. Em contrapartida, os americanos criaram na mesma época o que conhecemos como o super-homem dos quadrinhos, que viria para defender os fracos e oprimidos. Ao ser interrogado pela polícia, Mateus disse que não teve motivos para seus atos homicidas, alegou inclusive ter ido atrás de uma granada, mas por fim achou que a metralhadora “ia dar mais impacto na mídia”. O caso do estudante de medicina positiva o pensamento de Sodré de que a mídia influencia o comportamento violento do indivíduo, levando-o a praticar a violência mesmo sem motivos.



Já violência representada trata da visibilidade que a mídia dá à violência, seja no campo jornalístico ou do entretenimento, em que filmes e programas enfocam a violência com o intuito de obter maior audiência – o que tem sido uma estratégia de êxito em toda a era contemporânea, vide conteúdo televisivo, digital e impresso cujo temos acesso ilimitado à qualquer instante.

A violência sociocultural é a herança deixada de anos e anos regidos pela opressão, seja esta de gênero, racial ou orientação sexual. Ela se baseia no fenótipo e se manifesta tanto na forma física como moral. Por gerações mulheres, negros e homossexuais foram discriminados e violentados de diversas maneiras. Os resquícios dessa violência que fora alimentada por séculos ainda predominam em muitas instituições de ensino devido aos mecanismos coercitivos presentes no sistema educacional – que proporcionam um primeiro contato e incitam os alunos à violência e à segregação. Podemos observar isso com clareza no efeito do *bullying*, ato violento presente em todas as escolas pelo mundo e extremamente recorrente na mídia. Ato este que dissemina a discriminação perante o diferente e as minorias. Segundo Pierre Bourdieu isso faz com que ações cruéis dessa estirpe aconteçam em todas as camadas sociais, o que ele denomina de violência simbólica, uma ramificação da violência sociocultural.

A violência sócio-política é fruto da repressão exercida pelos Estados, desde a esfera do estado de até o etnocídio, que podemos observar nas Guerras civis como a da Bósnia e nos conflitos ditatoriais em diversos países da África. A violência sociopolítica trata de situações que envolvem os aspectos sociais relevantes em um determinado grupo.

A violência social está presente em todas as esferas da existência do indivíduo (econômica, política e psicológica). É uma reação à indiferença do Estado. Este tipo de violência se manifesta de forma direta – física- ou indireta – atingindo os campos econômicos, políticos e psicológicos. Na doutrina Marxista, podemos observar a violência social como um efeito orgânico inerente à sociedade de classes; Mas analisar a violência social como ato puro implicaria afirmar que somente os atos que são contrários a legitimidade do grupo dirigente seriam considerados condenáveis, o que foge do conceito da violência, que ocorre em ambos os lados da moeda.

De acordo com Hobbes a violência se fundamenta no medo. Violência e medo caminham juntos e são estruturas da sociabilidade humana.



“A violência, a agressão enraíza-se tão profundamente quanto a propensão amorosa ou sexual na composição psicobiológica do ser humano. Há uma linha tênue entre a destruição e a libido” (SODRÉ, 2006, p.23).

No Brasil o índice de homicídios é quatro vezes superior ao dos Estados Unidos e se engana quem pensa que a situação é igual em toda a América Latina: na Argentina, na Colômbia, no Peru e em outros países latinos o quadro não segue o padrão brasileiro. Pela relação de causa e efeito podemos apontar que a explicação poderia pautar-se no fato do aumento populacional nos centros urbanos e na decaída da qualidade de vida. Essa explicação embasa o prisma da violência invisível, também conhecida como estado de violência. Trata-se da violência por meio da burocracia extensa fabricada pelo Estado. A negligência e precariedade dos serviços públicos é considerada uma forma de violência oculta contra a população que depende da esfera pública.

Porém, outra corrente do pesquisador Edmundo Campos Coelho discorda da tese com base no argumento que em capitais menos desenvolvidas e mais pobres como Maceió e Teresina os números de violência urbana são relativamente baixos em comparação com o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Tal corrente baseia-se na violência anômica, visível e desordenada, que foge aos preceitos da construção da ordem jurídica e social. É neste segmento de violência que se inserem os crimes de morte, assalto e os massacres.

São muitas as vertentes de violência e estas podem ser combinadas e construídas. Ato violentos não pertencem necessariamente a uma única classificação, os tipos de violência são muitas vezes fundidos. Porém quando pautada na mídia, a violência, na maioria dos casos está relacionada com a anomia dos crimes, que viram alvo de espetáculo quando veiculados.

2. A violência e a morte enquanto notícias

"Acontecimento-Imagem. Imagem-Acontecimento. No nosso universo midiático, a imagem costuma ocupar o lugar do acontecimento. Ela o substitui e o consumo da imagem esgota o acontecimento por procuração. Esta visibilidade de substituição é a própria estratégia da informação - quer dizer, na realidade, a busca da ausência de informação por todos os meios." (BAUDRILLARD e MORIN, 2004).



A partir da conceituação de violência e o recorte por sua forma anômica, que transgrede as leis, faz-se necessário, também, entender como a violência é transformada em notícia e qual o interesse da mídia por esse assunto.

Os meios de comunicação expõem a imagem para simbolizar o acontecimento. A imagem funciona como refúgio imaginário aos receptores, passa a ocupar o lugar do próprio acontecimento. Não há meio possível de representar a realidade de um acontecimento em sua totalidade ao divulgá-lo. Pois o acontecimento não pode ser reproduzido, apenas suas imagens. O fato acrescido de um brutal congelamento da imagem gera uma violenta cadeia de informações que chega aos receptores. Assim, a imagem que vemos retratada pela mídia, não é real nem virtual, torna-se um acontecimento por si só, mas diferente do acontecimento original. A imagem é o espetáculo do acontecimento.

"Um aumento de violência não é suficiente para mostra a realidade. Porque a realidade é um princípio que está perdido. Real e ficção são imbricados e a fascinação do atentado é antes a da imagem - as consequências dele, ao mesmo tempo jubilatórias e catastróficas, são em grande parte imaginárias" (BAUDRILLARD; MORIN, 2004, p.17).

O jornalismo expõe os acontecimentos que ocorrem no mundo, fazendo com que as notícias sejam extraordinárias ao mesmo tempo triviais. A morte é o maior exemplo deste princípio. É algo que nos aflige embora seja fato rotineiro, que nos cerca o tempo todo e em qualquer lugar. É um acontecimento relatado diariamente pelos meios de comunicação por seu elemento surpresa, que corresponde a sua imprevisibilidade - temos consciência de que iremos morrer, mas não sabemos quando. Apesar de vivenciarmos a morte constantemente, quando pautada pela mídia passa a ter uma dimensão maior e um caráter diferente do que a própria morte em si. A morte é portanto, um acontecimento jornalístico cotidiano e ambíguo.

Nos jornais as mortes são narradas além da imprevisibilidade do morrer, e caracterizadas pelos elementos extraordinários que lhes cabem. A notícia enfoca primordialmente a maneira de morrer e não somente o morrer. Esse fator extraordinário da morte torna-se valor notícia recorrente. Assim encontramos diversas notícias acerca de mortes em todos os meios de comunicação e muitas vezes o mesmo acontecimento narrado de maneiras diferentes por veículos distintos. A banalidade cotidiana é ao mesmo tempo trivial e excitante, afirma Maffesolli (2006).



Para Frederico de Melo Brandão Tavares, "a repetição, não é apenas de um mesmo episódio em um mesmo dia em diferentes jornais, mas também uma repetição temática, de tipos de morte cuja imprevisibilidade no fluxo do cotidiano já se encontra prevista no interior das rotinas jornalísticas." (TAVARES, 2012, p.145).

Grande parte do conteúdo jornalístico que vemos todos os dias é movida pelo empenho da mídia de relatar maneiras em que a morte acontece que é o gatilho que a torna indubitavelmente valor notícia. Podemos observar tal fenômeno nos casos de assassinato, acidentes e falecimentos de gente conhecida.

Ao falar de falecimentos, as narrativas tem sua estrutura baseada em outros acontecimentos que não a morte por si só. O foco costuma ser outro, como a vida das vítimas, as possíveis causas da morte, a dor de familiares e próximos, a falta de preparo ou negligência das autoridades policiais ou médicas em relação ao caso, etc. Ao noticiar uma morte por overdose de drogas, por exemplo, o enfoque será o tráfico de drogas na região. A notícia do óbito é apenas parte da narrativa que conta outro aspecto da morte. Segundo TRAQUINA (2002), a morte seria o critério de noticiabilidade por excelência. Mesmo ao desviar o foco para esses outros acontecimentos que envolvem a morte, como as realizações dos mortos ou ainda as circunstâncias do falecimento, a notícia não deixa de revelar que morte está sempre presente e é inevitável a todos.

Ao narrar mortes de violência anômica há também um padrão há ser observado: o uso das mesmas palavras para relatar este tipo de acontecimento. A palavra tragédia vira uma simbologia para relatar a morte nestes casos. É usada por vários jornais e torna-se um repertório cultural para caracterizar esse tipo de morte como acontecimento jornalístico. O uso do termo tragédia anunciada também é muito recorrente, ressalta o elemento previsível dentro da imprevisibilidade da morte. O mesmo ocorre com os binômios "outra tragédia" e "mais mortes" que expressam a dimensão do acontecimento que se repete. A morte aparece como não como algo novo, mas de novo. Tendo como valor notícia sua excepcionalidade, como mortes por crime, acidentes e até mortes naturais de celebridades. A morte é portanto um acontecimento jornalístico ritualizado diariamente em notícias.

3. A morte e a violência na capa: apreensões de sentido

Os jornais pautam em suas capas acontecimentos presentes de forma que ainda não há como medir as consequências a curto e longo prazo. Segundo Jack Lule (2001),



as notícias, por seu caráter imagético-mítico, orientam a sociedade acerca de questões profundas, como a morte, o bem e o mal, a paz e a violência.

As mortes presentes nas chamadas de capa de jornais são figuradas por uma composição de imagens de morte que estruturam a notícia. A maioria das mortes relatadas nas publicações são referentes à mortes violentas e portanto as imagens são as responsáveis por fixarem a notícia em nossas memórias. Os óbitos expostos nas capas dos jornais implicam violência, seja crime, atentado, acidente. A única vertente em que a morte não aparece ligada à violência são casos de mortes de celebridades, a notícia da morte é construída através da história de vida do morto. A violência é o vetor que transforma a morte em valor notícia, é o fator que dá autoridade e notoriedade ao morto, mesmo esse sendo desconhecido. A morte violenta, é, portanto, noticiosa e se faz presente em todas os jornais e capas.

Observa-se também que as notícias exigem um quadro de causa e efeito, que dê sentido à morte retratada. Um atropelamento por exemplo, a causa é o atropelamento e o efeito é a morte. Toda notícia deve ter uma narrativa envolta e por isso, muitas vezes é comum ver a mesma imagem em diferentes jornais, sob uma perspectiva diferente no texto. As imagens se repetem, mas a notícia nunca é a mesma, visto que cada publicação pode narrar a notícia de uma determinada forma, sob um prisma diferente e em sequência variada.

Essa diferença da abordagem e da maneira que é exposta a relação de causa e efeito da morte faz com que o jornalismo desempenhe seu papel de formador de opiniões, exibindo muitas vezes questões sócio-políticas que envolvem os acontecimentos referentes a morte. Também é possível através da construção narrativa sobre a morte, despertar a reflexão sobre a importância da vida e a consciência da morte.

Tratar a notícia da morte como imagem-acontecimento da morte nos remete, assim, ao fato de que aí estão implicados padrões ou acervos de temas, problemas e valores localizados na cultura, que são fixados, ordenados e tornados visíveis no ambiente das mídias (VOGEL; SILVA, 2012).

As imagens da morte é que ditam o restante do processo noticioso, em suas distintas situações. Cada imagem simboliza uma história. Por mais contemporânea que seja uma imagem, esta não deixa de ilustrar um fato pretérito, embora faça com que o leitor se sinta conectado com o presente, pois o atualiza dos acontecimentos. Há um senso de identificação e de comunidade na notícia, que transmite experiências e partilha



sentimentos, já que a morte só nos pode ser relatada através do óbito de terceiros, embora nos cerque o tempo inteiro e seja inevitável a todos. Portanto do interesse de todos também, mais um fator que a torna valor notícia fundamental nas publicações e nas capas de jornais.

As notícias em que a morte e violência predominam nos remetem a sensações perturbadoras e simultaneamente de alívio por não ter acontecido conosco ou com pessoas de nossa estima. Desta forma a mídia ressalta a distância segura que estamos dos acontecimentos relatados, ao mesmo tempo em que poderíamos estar no lugar das vítimas. Os acontecimentos de morte, principalmente ligados à violência, aparecem em grande quantidade e de várias maneiras nas chamadas de capa, e todos de alguma maneira apelam para o elemento da emoção ao relatar o mistério da morte e nossa busca em compreendê-la.

A morte, só podemos acessá-la, experimentá-la pelo outro. Ora, o jornalismo se constitui basicamente no e pelo relato da experiência do outro, e o faz organizando, montando conjuntos de imagens. No caso específico da morte, o que se faz notório nessa operação de montagem é quais mortes ganham um estatuto (logo, uma dimensão) de visibilidade e compartilhamento e quais ingredientes de carga afetiva mobilizam profissionais e consumidores da notícia." (VOGEL; SILVA, 2012).

As imagens na notícia simbolizam uma quase morte, são sempre referentes a um momento que antecede ou precede o instante do óbito. As fotografias congelam esse momento. Elas representam a morte iminente e despertam emoções e especulações do leitor acerca da morte retratada na notícia. São as imagens o componente que o receptor fixará na memória, mais do que o texto e a história que envolve a morte na notícia.

4. A morte e a violência no Jornal Pontal e no Jornal de Frutal

O *Jornal Pontal* e o *Jornal de Frutal* são os jornais de maior circulação e de maior credibilidade do município e arredores. Semanalmente as duas publicações circulam por toda a região e suas informações chegam a milhares de leitores. É nítida a repetição de morte e violência em suas capas. A capa é o elemento que faz com que o leitor compre o jornal, é o gatilho que desperta o interesse do leitor. Portanto, deve conter notícias e imagens que seduzam o leitor. A morte embora inevitável e recorrente a nossa volta, nos é um mistério. Isso faz dela um fenômeno perturbador ao mesmo tempo em que nos fascina. A morte por violência é ainda mais intrigante, nos choca sua

circunstância abrupta e imprevisível. É algo que destoa do comum, embora seja habitual e constantemente repetida nas publicações. Desta forma, observa-se a manipulação da violência provocada pelos veículos em suas capas. Em uma tentativa de aumentar suas vendas, usam a violência e morte como instrumentos para seduzir o leitor. Quanto maior o impacto, maior a probabilidade de venda dos exemplares. A manipulação ocorre à medida que se enxerga somente aquela “fatia” selecionada pelo repórter e editor do acontecimento. Uma mesma notícia pode chegar de forma diferente através das páginas dos jornais. Essa manipulação de como o leitor irá enxergar o mundo é alvo de nossa preocupação. Pode-se vender um retrato diferente da realidade, que é consumido sem oportunidade de questionamento (PORTARI, 2013). Ao analisar as capas do Jornal Pontal e do Jornal de Frutal vemos que em todos os casos em que existe morte e violência, são destaque da edição e elemento chave na capa.



Figura 1. Reprodução das capas dos jornais Pontal e De Frutal

Nota-se também que há uma utilização recorrente da cor vermelha na diagramação das notícias em ambos os veículos. O vermelho é uma cor forte, provoca impacto e remete a sangue e passionalidade, enfatiza a ideia de violência aos leitores. Ao abordarem a mesma morte, observamos que cada jornal segue uma abordagem diferente. O *Pontal* opta por imagens de ação que mostram o local da morte, como carros destruídos e cenários devastados pelo caos e violência. É usada a técnica do embrião narrativo. Essas fotografias causam impacto imediato no leitor que leva a publicação com o intuito de saber mais detalhes sobre as circunstâncias do óbito. Já o



Jornal de Frutal prefere usar como imagens principais, fotos dos autores do crime e das vítimas ainda vivas. Esse outro ângulo de morte, faz com que o leitor queira saber mais sobre a vítima e sua vida ou sobre o suposto motivo do crime quando se trata de foto do autor.



Figura 2 – Reprodução das capas dos jornais Pontal e De Frutal

As manchetes abusam da palavra morte e suas variações e de conjugações do verbo morrer. Os termos "tragédia", "mais uma" ou "outra morte" também são recorrentes. A morte passa a ser um evento jornalístico e espetacularizado pela mídia. Os jornais buscam de toda maneira personalizar a morte retratada em cada edição. O ordinário passa a ser extraordinário.



Figura 3 – Reprodução das capas dos jornais Pontal e De Frutal

Ao noticiar esses fatos, os jornais agem como disseminadores de imagens sobre a morte, “que povoam nossa memória, nossas vidas e culturas, e estão sujeitas a



crystalizações ou deslocamentos pela ação da cobertura midiática” (VOGEL; SILVA, 2013, p.23).

6. Considerações Finais

Conclui-se que os veículos dão mais importância aos fatos do que as informações. Continuam a desempenhar seu papel de informar o público, promover debates e difundir ideias. Porém, há uma manipulação oculta sobre o que deve ser priorizado e da maneira que é estruturado. A morte e violência são destacadas e sempre elevadas e maquiadas para o maior impacto possível. Há um uso desenfreado pela mídia impressa frutalense da morte, principalmente em caso de violência anômica, transformando-a no suprasumo noticioso. A morte é tema inesgotável e volátil, portanto, constantemente se renova e se repete no universo dos impressos.

Para Márcia BENETTI (2013, p.153) a morte está no rol dos assuntos capazes de levar o homem ao encontro de sua humanidade por ser um evento fascinante. E de acordo com Portari (2013), essas experiências, cada vez mais, se tornam mais intensas para os leitores de jornalismo impresso da cidade de Frutal, uma vez que, semanalmente, tanto Pontal como De Frutal fazem questão de inserir o tema no cotidiano de seus leitores, tal como o fazem diariamente os jornais populares no país.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDRILLARD, Jean; MORIN, Edgar. *A violência do Mundo*. Rio de Janeiro: Anima Editora, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da Violência*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértices, 1987.
- MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo. *Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte*. Vol 3. Florianópolis: Insular 2012.
- MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo. *Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte* Vol 3. In: LEAL, Bruno Souza. *O realismo em tensão: reflexões a partir da morte como acontecimento nas narrativas jornalísticas*. Florianópolis: Insular 2012.



MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo. Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte Vol 3. In: VOGEL, Daisi; SILVA, Gislene. Imagens de morte na primeira página. Florianópolis: Insular 2012.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo. Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte Vol 3. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão. A cotidianidade do morrer na vida noticiosa: ambiguidades de um acontecimento jornalístico diário. Florianópolis: Insular 2012.

PORTARI, Rodrigo. A construção da violência e da morte nas capas dos jornais Folha de S.Paulo e Agora São Paulo. Dissertação de mestrado defendida junto ao PPG-Com da UNESP. Bauru, 2009.

PORTARI, Rodrigo. O trágico, o esporte e o erotismo: a presença de uma tríade temática nas capas dos jornais Super Notícia e Jornal de Notícias. Tese de doutorado apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Belo Horizonte, 2013.

SODRÉ, Muniz. Sociedade, Mídia e Violência. Porto Alegre: Editora Salinas/PUC-RS, 2006.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. O império do grotesco. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

VASCONCELOS, Silvia Inês C.C de (org.). Os Discursos Jornalísticos. Itajaí: Editora da Univali; Maringá: Eduem, 1999.